

**J A GARBINO**

**TEXTOSTERONES**

**VEREDAS  
OBSCURAS  
DO DESEJO**

2025  
2ª edição

**ide@**  
EDITORA

Copyright © 2021 by Idea Editora

Diretor editorial e Publisher  
**Rodrigo Coube**

Revisão de texto  
**Ana Cristina Lacerda Aguiar**

Capa  
**Indie 6 – Design Editorial**

Projeto gráfico e diagramação  
**Indie 6 – Design Editorial**

Imagens de capa  
© **Shon Ejai – Pixabay**

**2ª edição 2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garbino, J A

Textos e poemas : veredas obscuras do desejo / J A  
Garbino; apresentação Hélio Schwartzman; prefácio  
Nélson Itaberá. -- 1. ed. -- Bauru, SP : Idea  
Editora, 2021.

ISBN 978-65-88325-02-5

I. Contos brasileiros I. Schwartzman, Hélio.  
II. Itaberá, Nelson. III. Título.

21-57136

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

Cíbele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à Idea Editora Ltda.



Rua Ignácio Alexandre Nasralla, nº 4-49  
Jd. Amália – Bauru/SP – CEP 17017-260

E-mail: [adm@ideaeditora.com.br](mailto:adm@ideaeditora.com.br)

Site: [www.ideaeditora.com.br](http://www.ideaeditora.com.br)

A reprodução desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida.

Impresso no Brasil.

# EPÍGRAFE

“Desocupado lector: sin juramento me podrás creer que quisiera que este libro, como hijo del entendimento, fuera el más hermoso, el mas gallardo y más discreto que pudiera imaginarse...

“Acontece tener um padre um hijo feo y sin gracia alguna, y el amor que le tiene le pone uma venda em los ojos para que no vea sus faltas, antes las juzga por discreciones y lindezas, y las cuenta a sus amigos por agudezas y donaires. Pero yo, que aunque parezco padre, soy padastro de Don Quijote, no quiero irme con la corriente del uso, ni suplicarte casi con las lágrimas em los ojos, como otros hacen, lector caríssimo, que perdones o disimules las faltas que em este mi hijo vieres.”

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA

*Prologo de Don Quijote, 1605*

# PRÓLOGO

Leitores ocupados com a vida alheia, aviso desde já que os Textosterones são textos de ficção e qualquer semelhança com nossos personagens nada mais é que uma mera coincidência.

JOSÉ ANTÔNIO GARBINO, 2020



# APRESENTAÇÃO

Médico, pintor, poeta e cronista. Em um mundo que se torna cada vez mais dependente da hiperespecialização, é quase um alento encontrar gente como José Antonio Garbino, que procura desenvolver tantas e tão variadas atividades. O polímata podia ser uma figura relativamente comum na Renascença, mas tornou-se uma raridade nos dias de hoje.

É sintomático ainda que um médico, ele próprio superespecializado – Garbino é um hansenologista –, tenha buscado ampliar seu lado artístico. A medicina, apesar do impressionante avanço das técnicas científicas, não deixará, pelo menos até onde a vista alcança, de ser arte. Testes laboratoriais e algoritmos podem ser muito bons para fazer diagnósticos e decidir estratégias terapêuticas, mas nada substitui o talento e a sensibilidade individual para fazer com que o paciente compreenda e adira ao tratamento, sem o que toda a tecnologia é inútil.

E se a arte invade a medicina, a medicina também invade a arte. A prosa de Garbino é cirúrgica. Cada palavra é necessária e nenhuma é ociosa. Aliás, é curioso que, considerando que o autor é também pintor, ele não abusa das descrições. Não é que elas inexistam. Estão lá e até em detalhes, mas só quando necessárias, como quando Garbino descreve como o personagem que é professor

fantasia com a aluna (Viagem à China) ou quando descreve as lesões do personagem acometido por neurofibromatose (Memórias de um tarado).

Esse, por assim dizer, fisiologismo, se estende para o plano psicológico. O que mais me chamou a atenção nos textos de Garbino é que ele sabe ser cruel com seus personagens. Talvez não tanto na acepção de sádico ou implacável, mas na de cruento ou pungente. O fato é que a prosa do autor não deixa espaço para condescendência. Quando o personagem está sendo canalha ou ridículo, isso fica absolutamente claro, inclusive para o próprio personagem, que nem por isso deixa de agir humanamente. Percebo, porém, que já estou me alongando mais do que gostaria. Deixoo-os na companhia dos textosterones de Garbino, que, estou seguro, apreciarão.

**HÉLIO SCHWARTSMAN,**

*Filósofo, escritor e jornalista brasileiro,  
colunista do Jornal "Folha de São Paulo".*

# PREFÁCIO

DA 1ª EDIÇÃO

## INTENSIDADE E VOO LIVRE DA ESCRITA

Se você se experimentar projetar algum perfil, ou característica, ainda que sintética, a respeito da forma de ser de José Antônio Garbino, a partir de sua produção literária – sem conhecê-lo do convívio, como eu –, terá de ser literalmente livre na elaboração, como seus textos.

Arrisco-me a enfatizar que o desabrochar desta fantástica aventura linguística (e enorme responsabilidade a que fui convidado, neste prefácio) – de observar o conteúdo literário do outro a partir do desaparego personalista – estaria na fração da capacidade do profissional, médico, acadêmico persistente em sua trajetória, de impulsionar em si o artesão de contos, crônicas, poemas românticos...

Ler Garbino me pareceu prescindir que o convite deve ser diretamente proporcional ao autor livre, em amplo sentido: estrutural-literário, de léxico, de memórias e de descobertas.

À medida da leitura, conto a conto, texto a texto, me pergunto, por intrínseca curiosidade jornalística, se "Textosterones" não nos revelam diferentes Garbinos.

O autor de frases curtas, onde uma ideia vem, por estilo latente, separada da outra, se permite em sua obra. Pra que se valer do emaranhado do labirinto de informações em orações subordinadas? Pra quê?

O mesmo Garbino que experimenta a pintura, as texturas e formas, “rabisca no papel” narrativas encadeadas por frases curtas. Mas a mistura, por outro lado, é livre, com formatos literários que passeiam por mais de uma vertente.

Pensei, neste momento, em um Garbino autor que passeia da prosa ao conto, com pitadas de ensaios (como em outra obra sua: O professor e o fabricante de para-raios). O literário, aqui, vem sem a rigidez do texto acadêmico, da escrita vigiada, como ele mesmo aponta ao enviar breve histórico de sua trajetória.

Sorte de outros meninos e meninas que tiveram como Garbino o frisson da escrita pelo despertar da professora de português, no antigo Científico (hoje ensino médio), conta também o autor.

Para apreciar “Textosterones” na medida sem medida da proposta, consciente ou não, do doutor e estudioso em neurociência da lepra, sugiro fazer o mergulho.

Sim! Experimente a estrutura despojada das intervenções de mais de um formato literário, entremeados a estórias, ou histórias, quiçá, que vão muito além de nossa capacidade, incapaz, de entendermos a “loucura” de desbravar nosso inconsciente.

Sim! A escrita é um salto do picadeiro, mas só terá o êxtase que Garbino indica se permitir, ao cortejar seus versos e frases, se a ação for inexoravelmente libertária. Um sanatório lúcido libertino textual!

Não mapeie estilos. Se permita passear do acadêmico investido do bucólico. Experimente, como Garbino, o sabor do fazedor de laudos médicos, de protocolos científicos rígidos, se transformando em um contador de causos, um conversador de modos prosaicos, intraculturais.

Vá além! Faça uma prece, de acordo com suas convicções filosóficas, ou religiosas, ou pela falta delas, claro, para que sua

permissão emocional literária seja um experimento de leitura que desfile entre a criação bucólica, campesina, de tradições, folclores, da conversação do matuto com um mundo onde o voo da imaginação tem de ser, exponencialmente, livre.

José Antônio Garbino, me parece, convida você não exatamente para apreciar os contos, os escritos, em si. Mas sugere que, entre assombrações e benzedeadas, o leitor se permita à sua catarse pela arte!

Qualquer dia desses, saberei do próprio Garbino, quiçá, se é o mergulho que importa, ou permanecer neste imenso sanatório social aqui de fora, das ruas, guetos, jornadas e botequins...

Ótimo voo livre da escrita pra todos que toparam o convite.

NÉLSON ITABERÁ,

*Jornalista e editor do site contraponto digital, escritor e compositor*

# NOTA DO EDITOR

## PARA A 2ª EDIÇÃO

Tenho enorme prazer e chego a me orgulhar de ser o editor responsável pelas obras literárias e também a obra (livro), que nos mostra seu talento também como artista plástico ( “Meu Caderno de Desenho : ensaio figurativo”), do J A Garbino.

A inteligência, a inquietação cultural, o talento e no caso da literatura, e o estilo muito particular e instigante de sua escrita em seus contos, crônicas e ensaios faz deste “nosso” autor um sujeito único, que precisa de “estudado”, no sentido de ser admirado, compreendido (talvez ) e, acima de tudo, tem que ter sua obra (esta e demais) lida(s).

Editamos a primeira edição no “Textosterones: veredas obscuras do desejo”, no auge da pandemia que assolava e assolou o mundo. Assim, fomos discretos na divulgação e promoção da obra.

Com o término da disponibilidade da primeira edição se aproximando, em um dos nossos bate-papos culturais e editoriais, decidimos que a uma segunda edição, com poucas intervenções nos textos da primeira, e com acréscimo de um prefácio para a segunda edição seria oportuno para dar uma nova e maior visibilidade para este livro “saboroso” , sarcástico, com pitadas de erotismo, crítico por vezes (espelhando a visão de mundo do autor) e com um senso de humor refinadíssimo.



Somando-se aos já excelentes elementos pré-textuais da primeira edição, o prefácio do Sr. Rivaldo A. Paccola, Mestre em Comunicação, Doutor em Educação, e que tem grande conhecimento em temas como literatura e linguística, vos e nos fornece novos e ótimos parâmetros para obtermos ainda maiores prazeres dessa agradabilíssima leitura. Saboreiem este livro!

# PREFÁCIO

## DA 2ª EDIÇÃO

Recebi do amigo Garbino a primeira edição de *Textosterones* com a dedicatória mencionando “Lembranças de Lençóis”. As recordações dos velhos tempos da longa amizade trouxe-me o desejo de agarrar o exemplar para saber por que sendas adentraria.

Já o título é formado pela aglutinação de duas palavras da língua portuguesa: *textos* + *testosterona*, como se utiliza de forma jocosa, a formação exigiu uma desinência *es* para completar a troça, já indicada no subtítulo: *veredas obscuras do desejo*, pois veredas, diferentemente de caminho que já preexiste, as veredas devem ser desbravadas e são imprecisas e têm como enfoque o desejo, a lascívia.

A epígrafe é retirada do prólogo do *Dom Quixote*, de Cervantes, dirigido ao *Desocupado leitor...* desculpando-se – *quase com lágrimas nos olhos* – pela obra padecer de algumas faltas que forem encontradas nesse seu filho, mas que devem ser desculpadas. Todavia destaco mais ao final do referido prólogo, que o *Quixote* menciona: *Procurai também que, quando ler o vosso livro, o melancólico se alegre e solte uma risada, que o risonho quase endoideça de prazer, o simples não se enfade, o discreto se admire da vossa intenção, o grave não se despreze, nem o prudente deixe de gabá-la*. Portanto, os *Textosterones*, da mesma forma, se propõem a provocar o riso.

No prefácio, Néelson Itaberá lança a pergunta se “*Textosterones*” não nos revelam diferentes Garbinos. Nesse aspecto, lembro que Rembrandt pintou inúmeros autorretratos, então qual seria ele? Seriam todos, pois à medida que vivemos, mudamos, de tal forma que o conjunto de autorretratos do pintor formam-lhe uma biografia singular e intimista. Ou ainda, pode-se reformular a pergunta de outro modo, como em “Manual de pintura e caligrafia”, Saramago traz uma afirmação e uma pergunta: *Quem retrata, a si mesmo se retrata. [...] Mas, quem escreve? Também a si se escreverá?*

Itaberá ainda nos propõe a experimentar, como Garbino, o sabor do fazedor de laudos médicos, de protocolos científicos rígidos, se transformando em um contador de causos, um conversador de modos prosaicos intraculturais. Nesse sentido, pode-se trazer a contribuição de Rubem Alves em sua obra “Variações sobre o prazer”, na qual o autor já aposentado dos seus afazeres de professor se sente livre e atraído pela ideia de usar o tempo e bom humor para escrever o livro; então, menciona que a palavra “*Sapere*, em latim, tem o duplo sentido de ‘saber’ e ‘ter sabor’”. Essa duplicidade de sentidos está preservada e esquecida no português. O *Aurélio* registra, para o verbo ‘saber’, ao lado do seu uso comum de ‘ter conhecimento’, o uso já fora de moda de ‘ter o sabor de’. Lembro-me do tempo em que se dizia: ‘Essa comida sabe bem’, isso é, ‘essa comida é saborosa.’” Do mesmo modo, pode-se saborear os “Textosterones” com todo o vigor da linguagem oral.

Vamos à leitura dos treze contos.

Do primeiro, “Histórias da Meia-noite, Assombrações”, gostei do estilo direto livre, com as falas adequadas aos personagens, bem ao modo do que Ferdinand Saussure denomina *parole* em contraposição à *langue*.

O termo francês *langue* (língua, em sentido individual) engloba as regras e convenções abstratas e sistemáticas de um sistema significante; é independente e pré-existente do usuário

individual. Envolve os princípios da linguagem, sem os quais nenhum enunciado significativo, ou *liberdade condicional*, seria possível. Em contraste, *parole* (“fala” ou “discurso”) refere-se às instâncias concretas do uso da *langue* (*língua*), incluindo textos que fornecem o material de pesquisa comum para a linguística.

Portanto a fala é um ato individual de vontade e inteligência, em que o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento, e o faz através da sua voz.

O conto seguinte, “O Benzedor” está repleto de sincretismo religioso. Dito do Quinzote, um curandeiro pretensioso que invocava as forças do além e fazia garrafadas. Sentiu o sabor de ficar famoso curando a doença ruim de um doutor. Fracassou. Terá sido falta de fé ou de ciência? Bom indicativo para reflexão.

O “Adiamento” poderia ser positivo, se fosse um exercício de paciência, mas como problema psicológico, que protela desnecessária e irracionalmente as tarefas básicas, apesar da fé, só poderia resultar no ocorrido – seria uma sexta-feira 13 ou seria exigir demais da contagem do tempo, quanto a algo que, para as pessoas “normais” seria previsível?

Interessante a história que leva o leitor à reflexão crítica de seus próprios atos.

“Memórias de um tarado” são como as de um pescador, sempre dá para aumentar...

Em “Espelhos cruzados”, a citação de Guimarães Rosa me leva a pensar em vergonha alheia de si mesmo, um paradoxo.

Natal, ah “O Espírito de Natal”. Pode-se dizer que esse Natal é uma tragédia com final surpreendente!

“Um dia de Boi”, para quem já foi touro, dará muito o que pensar.

N’ “O outro lado da ponte”, que vida triste! As circunstâncias lhe remeteram ao ponto, no final.

Tiraram-lhe tudo, até o dinheiro; então, sequer teria uma moeda para o Caronte atravessar-lhe o rio Aqueronte...

Ser um barnabé, “O funcionário”, desde que da classe dos bem remunerados, é o sonho que acalanta muita gente.

Este capítulo poderia intitular um livro de 'Besteirones', pois a Síndrome de Tourette aflorou pra valer. Além da síndrome, as expressões "raciocínio doutrinador" e "ideologia atrasada", impressionaram-me.

O conto, "Revólver riscado" me soou como a poesia de Vinicius de Moraes "Anfiguri", em sua última estrofe: *Poesia, ai!...*

No Houaiss, temos "anfiguri *s.m.* 1 discurso, matéria, trecho literário burlesco etc., escrito em prosa ou verso, propositalmente ininteligível 2 *p.ext.* qualquer peça literária, discurso, dito etc. desordenado e sem nexos; bestialógico".

Que tragédia sem nexos...

Interessantes as conversas do motorista e os devaneios do Professor, na "Viagem ao Brasil Profundo" – carro, estrada e muito que pensar.

"Viagem à China ou Duas Marias", pareceu-me uma viagem "platônica", isto é, os encontros que as duas Marias poderiam ensejar ficaram no plano da idealização. Gostei das descrições, bem realistas.

Nas "Memórias na Quarentena, lição de anatomia", o tempo é implacável, visto que atinge em cheio a memória; entretanto, tantas horas de convivência com os colegas nas aulas de anatomia, por que não cem por cento na estatística? Será que memória também não resiste ao tempo?

Parabéns pelo texto, sei que não é fácil colocar no papel aquilo que vai pela imaginação. Feito maior é publicar, ser lido, expor-se à crítica.

Obrigado, Garbino, pelo prazer de ter lido seu Textosterones.

**RIVALDO A. PACCOLA,**

*Mestre em Comunicação, Doutor em Educação.*